

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO CEARÁ – UFC  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DO ENSINO E  
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – UMA OPÇÃO PARA A  
PROFISSIONALIZAÇÃO**

**MARIA DE FÁTIMA SOUZA**

**FORTALEZA – CEARÁ  
2005**

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – UMA OPÇÃO PARA A  
PROFISSIONALIZAÇÃO**

**MARIA DE FÁTIMA SOUZA**

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE  
PLANEJAMENTO DO ENSINO E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO  
REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA  
PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

---

Maria de Fátima Souza

MONOGRAFIA APROVADA EM \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Profª Gláucia Maria de Menezes Ferreira  
Orientadora

## **DEDICATÓRIA**

- A Deus, pelo dom da vida, da saúde e da disposição durante todos os instantes de minha vida.
- Aos professores do Curso de Especialização que nos forneceram subsídios e reflexões com vistas ao nosso aprofundamento intelectual, como profissionais.

*Toda a educação deve basear-se na crença da pessoa humana. Deve buscar a valorização das experiências dos alunos, o respeito aos diferentes níveis de desenvolvimento/aprendizagem desses alunos, a importância da ação coletiva na construção do conhecimento, a convicção de que buscar o caminho do aprender é sinônimo de ação docente inteligente, o reconhecimento da importância da construção da autonomia dos alunos como elemento fundamental no desenvolvimento global.*

(Referenciais Curriculares Básicos –  
RBC's, SEDUC, 2000)

## RESUMO

Esta monografia teve como objetivo fazer uma reflexão sobre o desafio da Educação a Distância (EAD) como opção para a profissionalização. No documento aponta-se a necessidade premente de uma discussão que assegure reflexões críticas sobre o sistema de educação a distância, assim como enfatize a necessidade de uma proposta que supere a visão estritamente instrumental das disciplinas presentes nos Cursos de EAD. Ressalta-se que a realidade atual indica a exigência de que os profissionais da educação possuam, além da sua formação em nível superior, uma familiarização contínua com as tecnologias de informação e comunicação, para que seja possível selecionar e garantir a utilização das tecnologias para a sustentação de suas práticas educacionais. Esse é um dos enfoques do presente trabalho: discutir a EAD e o contexto hodierno em que ela se insere onde somos chamados a refletir sobre a adequação dos objetivos que perseguimos no projeto de educação no qual nos movimentamos. Para discussão da problemática em estudo, valemo-nos de opiniões fundamentadas de estudiosos como IAHN, BELLONI, LDB, entre outros. A conclusão a se que chega é que: a EAD propicia e promove a construção do conhecimento, contribuindo para dar condições aos indivíduos, encorajando-os na perspectiva de uma aprendizagem autônoma onde o conhecimento é concebido como processo, onde o indivíduo possa ser capaz de aplicar as informações recebidas em situações novas da vida concreta. A EAD é uma modalidade de ensino necessária, uma vez que ela realiza uma capacitação necessária para o indivíduo enfrentar sua vida em sociedade, sobretudo dentro da conjuntura de mudança acelerada e de globalização que hoje se colocam.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1. A HISTÓRIA DO TRABALHO .....	9
1.1. Como tudo começou .....	9
1.2. A grande virada – revolução industrial .....	11
1.3. O trabalho hoje.....	13
2. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI.....	16
2.1. Reflexões sobre a educação.....	16
2.1.1. Educação e exigência ética de uma mudança de paradigma nas sociedades contemporâneas .....	29
2.2. A história da educação à distância.....	37
2.3. Conceito de Educação à distância .....	38
3. REDIMENSIONAMENTO DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (EAD) .....	41
3.1. A educação à distância na educação profissional.....	43
4. NOVOS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA .....	44
CONCLUSÃO .....	46
BIBLIOGRAFIA .....	47

## INTRODUÇÃO

A Educação à Distância (EAD) aparece hoje como uma modalidade de educação extremamente adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na sociedade contemporânea. O campo da educação está muito pressionado por mudanças, assim como acontece com as demais organizações. Percebe-se que a educação é o caminho fundamental para se transformar a sociedade. Discutir sobre a EAD implica, fundamentalmente, identificar uma modalidade de ensino com características específicas, uma maneira particular de criar um espaço para implementar situações em que os alunos aprendam.

Ao falarmos da EAD como opção para a profissionalização, objetiva-se mostrar a educação como fator de promoção e desenvolvimento das novas capacidades requeridas do trabalhador e, que o mercado de trabalho aponta o perfil de profissional necessário à transição para um novo modelo de desenvolvimento: um profissional com criatividade, polivalente, com capacitação técnica adequada. Que tenha sensibilidade para o trabalho em equipe, dentre outros atributos que se julga indispensáveis.

Percebeu-se ao longo do tempo que houve uma certa incredulidade em relação a EAD. É talvez a hora de definir a educação à distância. Presencia-se a emergência de novas tecnologias – a internet, as “webquest” – atividades de aprendizagem que aproveitam a imensa riqueza de informações que, dia a dia, crescem na Web, as salas de teleconferências – que nos apontam desafios de ensinar e educar com qualidade. O ensino não pode ser mais visto só como a relação professor aluno, juntos numa sala de aula. Docentes e estudantes podem se comunicar e aprender juntos conforme as possibilidades que o curso ofereça, seja nos colégios ou foros virtuais. Com isso, queremos assinalar que a modalidade à distância costuma caracterizar-se por sua flexibilidade em torno da proposta de ensino, e que hoje, como resultado do desenvolvimento das tecnologias da comunicação, as interações



entre docentes e alunos são favorecidas, encurtando as distâncias na modalidade. Sem dúvida, falar da EAD e das tecnologias de mediação do saber suscita polêmicas e reflexões.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos: o primeiro trata da história do trabalho, a fim de situar o nascimento da EAD; o segundo capítulo trata da própria história da educação à distância; o terceiro discute o redimensionamento da educação à distância e a sua relação com a educação profissional. O quarto capítulo fala dos novos desafios da educação à distância.

## 1. A HISTÓRIA DO TRABALHO

### 1.1. Como tudo começou

*Quanta coisa a humanidade já construiu ao longo de sua existência! Um mundo de realizações – um mundo que só se tornou possível e progrediu por causa do trabalho do homem. É com o trabalho que o homem se modifica, modifica as condições de vida da sociedade e se realiza, tanto pessoal como socialmente (GONÇALVES: 2000, p. 28).*

A história do trabalho tem início quando o homem pré-histórico começou a buscar na natureza os meios para satisfazer as suas necessidades. Tinha uma vida nômade. Era organizado em pequenos grupos e tudo era dividido entre todos.

Com o tempo o homem passou a cultivar a terra e domesticar animais. Ocorre então a revolução agrícola, responsável por profundas transformações, onde o homem tornou-se sedentário. Ainda nesse tempo, a terra era de todos e o produto do trabalho continuava sendo dividido entre os membros do grupo. Com o aprimoramento de técnicas e instrumentos de trabalho, a produção começou a ser maior, havendo um excedente, que a princípio, também era distribuído entre todos do grupo. Com o excedente tornando-se cada vez maior, algumas pessoas, com poder dentro da comunidade, apropriavam-se dele, essas pessoas deixaram de trabalhar e

passaram a explorar o trabalho dos demais. Nascia assim, a propriedade privada e surgia a divisão de classes com proprietários e não-proprietários. A terra deixou de pertencer a todos para ser uma propriedade privada. Com isso alguns povos começaram a desejar as terras de seus vizinhos, iniciando um período de invasões e guerras. Os vencidos passaram a viver na condição de escravos, portanto, instrumentos de trabalho que produziam riquezas, fazendo nascer as sociedades escravistas onde, de um lado, os senhores – responsáveis pelo pensar e pelo trabalho intelectual, de outro lado, os escravos – que realizavam o trabalho manual e mecânico. Este sistema predominou na Grécia e no Império Romano durante a antiguidade. Com o tempo esse tipo de relação entrou em decadência, o Império Romano começou a enfrentar uma crise econômica muito séria, e com as invasões dos bárbaros e os habitantes das cidades fugiam e iam viver nos campos. Isso fez com que as cidades fossem desaparecendo, o comércio diminuindo e a moeda perdendo a sua utilidade.

As grandes fazendas começaram a libertar seus escravos, pois não tinham mais para quem vender seus produtos. Esses escravos ganhavam um pedaço de terra para cultivar, tornando-se colonos de seus antigos senhores onde tinham que dar parte do que produziam a eles. Os colonos passaram a ser tão explorados e reduzidos a tamanha servidão que ficaram conhecidos por servos. Com o tempo, as antigas fazendas e seus domínios passaram a ser chamadas de feudos, e os proprietários de senhores feudais, e assim teve origem uma nova forma de organização econômica, social, política e cultural, que estava baseada na posse na terra – o sistema feudal.

O sistema feudal representou um salto qualitativo nas relações de trabalho quando comparado ao escravismo, pois os servos apesar de ter que obedecer os senhores feudais e não poder abandonar a terra do feudo, tinham direito à vida e não podiam ser vendidos. No entanto, a produtividade era baixa e sobrava pouco para ser comercializado, pois os servos não se sentiam estimulados a trabalhar mais e aumentar a sua produção já que ela iria para as mãos de seus senhores.

Com o emprego de inovações tecnológicas da época, uso de ferraduras nos animais e o arado de rodas, os servos aumentaram a sua produção e começaram a trocar os produtos que sobravam por outras mercadorias que eles precisavam. Essas trocas, a princípio, eram feitas em vilas à beira da estrada, chamadas burgos. As vilas foram crescendo, transformando-se em grandes cidades, e os que lá moravam passaram a ser conhecidos por *burgueses*, nascia uma nova e importante classe social, a *burguesia*, formada basicamente de comerciantes que não dependiam mais dos feudos para sobreviver.

Trocas de mercadoria por outra mercadoria começavam a apresentar dificuldades, recomeçava então, o uso da moeda, antes abandonado. A mercadoria que até então tinha um valor de uso passou a ter um valor de troca, este agora com o objetivo de lucro.

Com a prática do comércio as cidades foram crescendo e os burgueses começaram a construir fábricas para produzir mais e lucrar mais (surgiam as manufaturas). As fábricas precisavam de homens livres para o trabalho e assim exercer um ofício em troca de um salário, vendendo a sua própria força de trabalho, ou seja, um homem começou a trabalhar para outro em troca de dinheiro, uma fase que durou séculos e que determinou o fim do sistema feudal de produção e o início do sistema capitalista.

## **1.2. A grande virada – revolução industrial**

Embora o feudalismo ainda fosse predominar por vários séculos surgiram as primeiras idéias do capitalismo e com isso ocorreu um fato muito importante para a humanidade: o surgimento da classe trabalhadora. No sistema capitalista temos de um lado, os capitalistas, que compravam a força de trabalho e eram os donos dos meios de produção, de outro, os trabalhadores que vendiam sua própria força de trabalho.

O capitalismo começou a germinar nos séculos XI e XII, embora tenha se desenvolvido plenamente a partir do século XVI, e no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, quando terminou o sistema escravista.

No início o trabalho artesanal ainda era expressivo, e os trabalhadores eram donos de suas ferramentas, aos poucos passaram a trabalhar em troca de um salário, aumentando o lucro dos capitalistas. Com as inovações tecnológicas do século XVIII, especialmente as máquinas movidas a vapor, as mercadorias passaram a ser produzidas nas grandes fábricas que surgiam dia após dia. Essas mudanças ficaram conhecidas como Revolução Industrial, que representou uma das mais radicais transformações ocorridas na sociedade humana, a substituição da força física do homem pelas máquinas, consolidando o capitalismo em definitivo. A Revolução Industrial teve início na Inglaterra no século XVIII e foi se espalhando por todo o mundo, embora só chegasse ao Brasil no século XX.

A Revolução Industrial e o capitalismo trouxeram novas condições de trabalho, com rígida disciplina, muitas regras e regulamentos, salários baixíssimos, jornadas de trabalho longas, sem férias, sem descanso semanal. O trabalho feminino e o infantil eram explorados de forma absurda. As fábricas eram imundas e barulhentas, com máquinas sem manutenção e patrões implacáveis.

O trabalhador permanecia na mesma função até que se tornasse um especialista, executando a função com mais perfeição, aumentando assim a produção, embora isso trouxesse uma total alienação dos trabalhadores em relação ao que produziam e aos métodos de produção. Com a especialização deu-se uma intensa divisão do trabalho, que se baseava na experiência de cada operário, sem qualquer estudo científico.

Frederick Taylor, um dos teóricos da administração, conhecido como o pai da administração, realizou vários estudos e estabeleceu como cada tarefa deveria ser realizada por um operário, determinando o tempo e até os gestos necessários à sua execução. O método de Frederick Taylor, conhecido como pró-taylorismo foi introduzido na indústria automobilística pelo empresário

Henry Ford, do início do século XX, como administração científica da produção. Nesse sistema, o trabalhador tornava-se cada vez mais desqualificado e não tinha como intervir no que fazia, apesar de ser homem livre, havia rigorosa separação entre o fazer e o pensar, acentuando a distância entre o trabalho e satisfação pessoal.

A partir de 1970, do século XX, o trabalho mecânico, especializado, monótono e rotineiro, voltado para a produção padronizada e em série, passaria a atender cada vez menos as necessidades das empresas (GONÇALVES, 2000).

### **1.3. O trabalho hoje**

As indústrias, na primeira metade do século XX, buscaram uma renovação de seus produtos para ampliar e aumentar os lucros, criando suas próprias equipes de pesquisa, favorecendo descobertas científicas e a aplicação tecnológica. Também as duas grandes guerras ocorridas no século XX levaram a criação de novas tecnologias, foi quando surgiu o primeiro computador – o Eniac, que não parou mais de evoluir, contribuindo para outras descobertas científicas e novas tecnologias.

A segunda metade do século XX foi um período especialmente rico de descobertas e invenções (o transistor que substituiu as válvulas, a descoberta da estrutura do DNA, o homem pisou na lua, o bebê de profeta e muitos outros). Todo esse avanço da ciência e da tecnologia fez com que as empresas competissem mais e mais entre si, levando a produção a ser despadronizada e de qualidade.

Para enfrentar essa competição, as empresas procuraram se fortalecer, organizando-se em blocos. A globalização implica uniformização de padrões econômicos e culturais em âmbito mundial. Com a globalização, as empresas sofreram grandes transformações e passaram a competir ferozmente, a prioridade era agora a qualidade e não a quantidade, foi

necessário fazer corte de custos, o que muitas vezes significava corte de empregos, onde a mão-de-obra menos qualificada era descartada. A produção devia ser mais personalizada, para agradar aos clientes e atender às suas necessidades. O trabalhador precisava acompanhar a produção como um todo, e não apenas parte dela. O método taylorista, que era extremamente rígido, não mais atendia às necessidades das indústrias, era preciso buscar alternativas flexíveis para realizar o trabalho.

As empresas procuraram trabalhadores menos especialistas e mais versáteis, paralelamente, as máquinas continuaram a tomar o lugar dos trabalhadores. Outro fato também observado foi o enxugamento das estruturas das empresas, foram tomadas medidas como: redução da jornada de trabalho, trabalho em tempo parcial, contratos de curta duração e até mesmo a flexibilização dos direitos trabalhistas, este com a justificativa de que aumentaria a oferta de emprego. Verifica-se durante a terceira fase da Revolução Industrial a introdução de novos processos e novos instrumentos de trabalho, em especial que derivam da eletrônica. Assiste-se ao chamado desemprego tecnológico (cf. SENAC, 1997: p. 26).

Outra medida muito utilizada hoje, pelas empresas, para se tornarem mais enxutas e aumentarem seu poder de competição, foi a terceirização, que é um dos fatores responsáveis pelo crescimento do setor de comércio e prestação de serviços.

A terceirização e outras medidas de enxugamento das empresas, e ainda a menor especialização do trabalhador e o emprego cada vez maior das máquinas tem levado, pouco a pouco, ao desaparecimento de ocupações tradicionais, ou seja, a eliminação de postos de trabalho.

No Brasil, ao lado de muitos postos de trabalho que estão sendo eliminados, outros postos e ocupações estão surgindo, situados especialmente no setor de comércio e serviços, que também é o que oferece mais empregos e mais cresce em todo o mundo. Mesmo assim, o mercado de trabalho atual aponta para um desemprego crescente, causado principalmente pela recessão que ocorre no mundo e pelos avanços da tecnologia, e a oferta de emprego tem sido mais dirigida para pessoas com mais tempo de estudo.

Todas as transformações pelas quais passa o trabalho nos dias atuais obrigam o trabalhador a se preparar melhor para responder aos novos desafios e buscar novos caminhos em meio às mudanças. Daí a necessidade da educação profissional ser repensada e direcionada para as novas exigências do mundo do trabalho.



## **2. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI**

### **2.1. Reflexões sobre a educação**

O presente capítulo faz uma reflexão fundamental sobre a educação, sua importância e seus fins com vistas a fortalecer a compreensão de que os processos de transformações e progressos acontecem através da educação. Ao longo de todo o texto entendemos o conceito de educação numa relação direta e inequívoca com a questão da mudança social que deve acontecer com a participação dos sujeitos históricos no tecido da vida social. Para se ter uma compreensão ampla, adequada e atualizada do que representa a Educação à Distância, começamos por dissertar o que significa educação no processo histórico da construção humana.

Ao grosso modo faz-se preciso considerar que o homem, diferentemente de outros animais, não nasce com suas capacidades desenvolvidas. É no percurso de sua vida, pelas relações que estabelece com os seus semelhantes, no processo de socialização, que ele as desenvolve. Uma das razões pelas quais isso ocorre é que o homem nasce e mantém, enquanto vive, a capacidade de aprender e de ensinar, transmitindo, mas também produzindo e modificando, os conhecimentos e a cultura. A educação está ligada diretamente a esta capacidade, é parte do processo de socialização que humaniza o homem, isto é, que propicia o desenvolvimento de suas capacidades.

Contudo, embora a educação aconteça em todas as sociedades, não se apresenta nelas de forma única. O que há, de fato, são educações porque as experiências de vida dos homens, suas necessidades e angústias,

condições de trabalho e realidades sócio-históricas, são diferentes. Para MONDIN (1980),

*A educação é um dado de fato que nunca deixou de existir. Trata-se, com efeito, de uma exigência fundamental do homem, que nasce com ilimitadas capacidades de agir, mas sem habilidade de realizá-las. Ele deve aprender dos outros como exercer suas capacidades (como se alimentar, caminhar, falar, ler, escrever, trabalhar, etc). O fenômeno da educação é um fenômeno tipicamente humano. Somente o homem pode e deve educar-se (p. 15).*

Somente os seres humanos são possíveis de serem educados. Com os outros animais o máximo que podemos fazer é adestramento. O animal já nasce dotado instintivamente de determinadas habilidades. O homem nasce, ao contrário, privado de quaisquer especializações estando, portanto, desde seu nascimento até o dia de sua morte, enquanto ser-no-mundo, em contínua e permanente evolução e maturação.

Sem dúvida alguma, a concepção que temos de educação está relacionada à concepção que se tem do homem e do seu destino. Ora, aqui, importa dizer que, torna-se evidente a necessária relação que existe entre discurso filosófico e o discurso sobre educação. Quando tratamos do fim último do homem no mundo e de sua atividade teleológica, quando falamos de sua práxis transformadora no mundo, devemos colocar necessariamente o problema de como conduzi-lo à conquista deste ideal pretendido, aspirado e necessário.

O homem se distingue dos outros seres exatamente pela capacidade dele mesmo pôr a pergunta pelo sentido das vidas humanas e qual o papel destas no mundo. A característica fundamental de nosso ser e que

distingue de tudo o mais é a abertura para o desenvolvimento de nossas potencialidades. Nós somos um ser que temos que conquistar o nosso próprio ser. Nesta perspectiva é que afirmamos que o homem põe-se na dinâmica de estar a caminho a fim de realizar-se como pessoa, portadora de uma dignidade incondicional e inalienável. Segundo OLIVEIRA (1995),

*O homem é, no mais íntimo de si mesmo, liberdade, isto é, ele não é 'predeterminado' pura e simplesmente nem subjetiva (instintos, disposições inatas, capacidades), nem objetivamente (meio ambiente, objetos e fins a ele oferecidos), mas ele se experimenta a si mesmo no mundo como interpretado a tomar posição sobre o que fazer com suas capacidades, interesses, desejos no contexto de um mundo que ele encontra estruturado (p. 108).*

O processo de socialização educativa dos seres humanos não termina com a inserção deles quando criança na sociedade. A socialização educativa é algo permanente, que progressivamente passa a fazer parte do conjunto de experiências do indivíduo.

O que especifica o ser humano enquanto ser humano é a sua educacionalidade. Para que a ação humana possa ser cada vez mais compreendida e o ser humano se identifique como aquele ser capaz de articular com significação a globalidade de sua existência, de sua vida cotidiana no mundo assim como a sua responsabilidade social e cósmica, há a necessidade da educação. Ou seja, a educação se impõe como imperativo na vida das sociedades, pois contribui para que o ser humano possa chegar à sua emancipação como ser.

*A especificidade do ser humano emergiu como sua fundamental educacionalidade: só o homem pode ser educado, pois educação pressupõe liberdade e é a inauguração do processo de sua efetivação. Como se dá esse processo podemos inicialmente ver, levando em consideração a linguagem do homem, que é a instância onde se articula o sentido da totalidade (IDEM, p. 108).*

Podemos afirmar que educar significa humanizar-se. Tornar-se sabedor de sua real e concreta existência no mundo, sujeito ativo e histórico inserido num cotidiano de angústias, de sofrimentos, de desesperanças, de conquistas e maravilhas, progressos e avanços; frustrações e desencantos ao mesmo tempo de esperança e ousadia.

A educação desempenha papel imprescindível na vida humana. Leva o homem a questionar-se, a se perguntar pela sentido de sua existência, leva-o a reconhecer-se como sujeito vocacionado à liberdade. De acordo com SAVIANI (1989),

*Tal existência transcorre normalmente, espontaneamente, até que algo interrompe o seu curso, interfere no processo alterando a sua seqüência natural. Aí, o homem é levado, é obrigado mesmo a se deter e examinar, procurar descobrir o que é esse algo. E é a partir desse momento que ele começa a filosofar (p. 17).*

Podemos perceber, até o exposto em nossa reflexão que, embora não descartando a importância da escola, não é tão somente nela onde se dá a educação das pessoas. A educação acontece cotidianamente nas diferentes situações e momentos da existência assim como nas diversas formas de

sociabilidade. Nas escolas, temos a institucionalização do ensino, a aprendizagem da língua normativa e culta, como expressar corretamente, onde conhecemos sobre e as coisas, aprendemos a desenvolver nossas habilidades matemáticas, artísticas, intelectuais, espirituais e, sobretudo, nossas habilidades afetivas e sexuais, contudo, não é a escola a detentora do monopólio da educação. A educação está além do espaço da escola.

*O homem realmente educado é aquele que não só conhece as coisas e os acontecimentos singulares no mundo, mas tem uma visão adequada da totalidade, o que lhe abre a possibilidade de pôr tudo em seu devido lugar (IDEM, p. 109)*

No constante processo educativo a que todos nós estamos inseridos aprendemos na dinâmica da troca de experiências, no diálogo permanente e carregado de sentido, na valorização da alteridade e na cooperação mútua de todos no universo do ethos. PAULO FREIRE, grande educador da humanidade, apresenta-nos dentre suas idéias fortes e consistentes a idéia de que,

*[...] a idéia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá pra pensar sem susto -, não pode ser imposta, porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode nunca ser feita por um sujeito isolado (até a auto-realização é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo*

*de quem supõe possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum* (BRANDÃO: 1990, p. 21- 22).

Aqui, reside uma de nossas pertinentes perguntas: temos uma educação (transmitida nas escolas) à altura dos desafios do tempo presente? Não nos falta verdadeiramente uma educação integrada e libertadora capaz de nos possibilitar o *ato de personalização* (OLIVEIRA: 1995, p. 109) ou será que as escolas de hoje já concretamente em sua totalidade vivem a experiência de um projeto que promove a humanização das pessoas e seu reconhecimento como ser societário?

A educação nos leva à consciência da virtude suprema que devemos buscar e viver com as outras pessoas no seio da vida comunitária e social, ética e política. Como bem nos lembra os gregos, a felicidade é o bem supremo, que consiste na vivência do específico do homem: a razão.

*A felicidade, que é o bem supremo, consiste em realizar o que é específico do homem, isto é, a razão. A plena realização do elemento racional humano supõe a realização nos mais diversos aspectos, tais como saúde, fortuna, situação social, etc* (PILETTI & PILETTI: 1999, p. 66).

Como podemos perceber, educação tem um sentido oniabrangente. No dicionário do Aurélio encontramos uma definição que pode nos auxiliar numa maior explicitação da palavra: educação é *ato ou efeito de educar-se, processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano* (FERREIRA: 1988, p. 197).

A maturação integral do ser humano acontece no seu dia-a-dia, vai se efetivando na convivência diária. Não se pode haver, portanto, nesse sentido, um que *manipula*, que *forja*, que *guia*, pelo contrário, um e outro perfazem juntos o mesmo caminho, numa fundamental abertura para o *ser mais*, para o realizar-se enquanto ser humano.

Muito se tem discutido na contemporaneidade a questão do papel da escola, a responsabilidade dos educadores, a missão dos pais na vocação e tarefa de educar as gerações. Na vida societária atual com veemência tem sido posta tal questão. Ao mesmo tempo que surgem perguntas das mais diversas, amplia-se o debate sobre uma educação verdadeira, a necessidade de uma educação que conduza as pessoas a uma vida ética, marcada na direção das virtudes, na vivência dos valores universais hoje tão esquecidos quando não desconhecidos.

Nesse contexto, aponta-se como imperativo a construção de uma escola diferente, voltada para a formação de cidadãos, consciente das circunstâncias temporais, concretas e reais. A nova proposta educacional em curso nos chama a atenção para tal preocupação.

*A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho em estudos posteriores (BRASIL, Lei 9394 / 96 - LDB).*

Portanto, há presente a intenção de todo um esforço para que a educação e as escolas possam ser pensadas no prisma e eixo da cidadania. Fala-se muito em educação cidadã, onde se oportuniza ao educando uma consciência de seu mundo social, de sua realidade histórica, cultural e política, fazendo-o capaz de pensar essa realidade com um olhar crítico, desejando-o levar ao livre exercício de sua autonomia e razão para o bem da coletividade

em que ele vive, trabalha, estuda, revela-se como sujeito construtor de sua própria história.

Apresentando amplas questões em seu livro *Escola Cidadã*, sublinha a tese no sentido de que a escola que está perdendo a sua autonomia também está perdendo a sua capacidade de educar para a liberdade. O autor percebe que sem autonomia não há educação, logo, se faz necessário conhecer a história da educação, sua luta, associada à liberdade de expressão e de ensino (GADOTTI: 1997, p. 09).

A autonomia escolar tem enraizamento no processo de ensinar dos primórdios da filosofia grega. No diálogo entre Sócrates e Menón acerca da questão *se a virtude podia ser ensinada*, Sócrates insiste que o escravo deve procurar nele mesmo a resposta. Educar significa, então, capacitar, potencializar e, dessa forma, o educando encontrará ou terá condições de encontrar respostas ao que lhe foi questionado.

Muitos outros teóricos, no contexto de pensar o desenvolvimento da educação, também defendem a autonomia da escola com vistas ao verdadeiro e consciente progresso da tarefa educativa. As críticas à escolástica centrada no mestre abrem caminho para uma escola mais moderna centrada no aluno.

Abordando a educação brasileira do ponto de vista de um outro grande educador, Professor DERMERVAL SAVIANI, diagnosticaremos três tipos de educação: *educação escolar*, *educação difusa* e *educação popular* (SAVIANI: 1996, p. 83).

A educação escolar é a educação erudita, voltada para a elite. Sua preocupação básica é formar o homem culto, ou seja, torná-lo conhecedor de um vasto conhecimento e quanto mais este consiga aprender e reter mais e mais conhecimento melhor. Este tipo de educação é dado a quem tem fruição aquisitiva. E é dentre os que possuem o poder e o saber que a hierarquia da dominação sobre os dominados se perpetua.

A difusa é a chamada educação de massa que é difundida através dos meios de comunicação social.



Já a educação popular consiste num processo de formação e capacitação que se dá dentro de uma perspectiva política de classe e que toma parte ou se vincula à ação organizada do povo, para alcançar o objetivo de construir uma sociedade nova eqüitativa e não classista, de acordo com os interesses coletivos. É um processo contínuo e sistemático que implica momentos de reflexão e estudo sobre a prática do grupo ou da organização. É a teoria a partir da prática e não a teoria *sobre* a prática. Via de regra a educação sistematizada *é uma atividade que se dirige ao outro: à outra geração, à outra classe social, à outra cultura. Supõe-se, portanto, uma heterogeneidade real e uma homogeneidade possível; uma desigualdade no ponto de partida e uma igualdade no ponto de chegada* (IDEM, p. 84).

A educação não pode cair no campo da relação maquinal de conhecimentos desvinculados das reais necessidades do alfabetizando, e, nem também do tipo de relação que o educando mantém em seu meio sócio-cultural e histórico. A verdadeira educação deve direcionar os indivíduos para uma efetivação histórica e concreta da plena cidadania social e política e da liberdade humana.

Ao longo da história da educação brasileira e, temos assistido à sucessão de propostas pedagógicas que procuram direcioná-la para as intenções dos planos dos detentores do poder econômico-político. Estes usam a educação como instrumento de manipulação das consciências dos homens e das mulheres a fim de atender aos seus interesses particulares e egoístas: status-quo, privilégios, aquisição de bens e imóveis etc. A sucessão dos projetos educacionais tem revelado o caráter manipulador, elitista e massificador de nossa educação.

Na verdade, a educação deve ser entendida, em última instância, como instrumento que politiza as pessoas, tornando-as mais conscientes de seus direitos e deveres, libertando-as das situações negadoras de sua dignidade inviolável. Nessa perspectiva, a educação deve ser entendida como o meio, a condição possibilitadora de recuperação da humanidade roubada dos indivíduos.

Os grupos detentores do poder econômico e político vigente contemplam necessidades e anseios que não correspondem aos anseios e interesses das classes menos favorecidas. Estes grupos que desfrutam de grandes privilégios, de avultoso poder aquisitivo, vivem na opulência e na luxúria às custas das situações de escravidão e exploração humanas, não consideram e, por isso, reagem com apatia e indiferença a uma reflexão sobre uma educação que contribua para uma prática da liberdade, uma educação que favoreça uma transformação radical da realidade sócio-cultural. Os opressores são convencidos de que tal educação possibilita e efetiva a emancipação dos homens e mulheres, e, sobretudo, dos homens e das mulheres empobrecidas e excluídas do sistema neoliberal excludente, que os deixa na situação de indigência e miséria.

Urge, num contexto de sociedade classista, opressora e de indivíduos submersos em situações menos humanas de vida, na marginalização e na exclusão, uma nova mentalidade: uma educação humanizadora capaz de radicalizar a efetiva práxis histórica da liberdade.

Sem dúvida alguma, o horizonte fundante de toda a nossa reflexão a respeito da educação é aquele onde se apresenta aos educadores a necessidade de construir referências comuns, um processo educativo transformador que permite criar condições para que os nossos alunos tenham acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. A marca de nossas experiências educativas deve ser a construção de um pensamento crítico e diferente, revolucionário e inovador com vistas a de fato instaurar um projeto de educação, de cidadania onde os direitos das pessoas sejam verdadeiramente respeitados, a cultura valorizada, que não haja uma cidadania regulada e fragmentada, mas condição favorável para a realização e felicidade pessoal e coletiva das pessoas.

Vivemos numa era da técnica e da ciência, uma era marcada pela competição e pela excelência, em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Sem dúvida alguma, face a uma realidade como essa faz-

se preciso uma revisão dos currículos, das propostas e objetivos educacionais a fim de se atender a um projeto de educação que atendendo às novas realidades, promovam a pessoa humana e sua dignidade transcendente.

O método PAULO FREIRE de alfabetização encontra-se voltado para uma educação que procura colocar o homem numa posição de sujeito consciente do seu mundo sócio-político, cultural, religioso e artístico, suas relações sociais e, portanto, transformando a si mesmo e o mundo físico-social e cultural. Aqui o homem é visto como ser histórico.

Para que tenhamos o desenvolvimento do indivíduo como protagonista consciente do seu mundo, é fundamental que a educação não aja como detentora da salvação do homem e do mundo, mas como componente da estrutura social.

Por último, é importante ressaltar que:

*A educação é a busca constante que pessoas e grupos fazem para construir sua própria identidade e sua história. É o empenho em vista do processo de humanização e personalização, para uma atuação transformadora da sociedade, segundo o ideal de justiça e solidariedade. A educação acontece de forma permanente, desde o ventre materno, desenvolvendo a capacidade física, psíquica, espiritual, intelectual e moral das pessoas. Nesse processo o ser humano vai se realizando em quatro relações básicas: com o mundo, com os demais seres humanos, consigo mesmo e com Deus (CNBB: 1998, nº 44 -45).*

Percebemos que ao longo da história da educação, muito se tem discutido sobre a problemática da educação dos homens e mulheres sob diferentes perspectivas, em diversas tendências e na tentativa de apresentar

uma melhor e eficaz visão teórica e prática pedagógica mais contextualizada, mais elaborada. Ao empreendermos um estudo e uma pesquisa de aprofundamento acerca da educação, precisamos ter presente a compreensão dos valores e idéias que orientaram os educadores de cada época.

O fato é que quando tratamos da educação brasileira, por exemplo, vamos perceber que desde o Brasil colônia todo o sistema educacional brasileiro é perpassado por uma ideologia de educação elitista, populista e clientelista.

A proposta de educação implantada no Brasil ao longo de todos estes séculos é de uma proposta que não visa a elevação dos indivíduos à emancipação política e cidadã. Fala-se muito, hoje, precisamente, de cidadania, porém, ainda não num sentido radical e profundo da palavra. A escola brasileira que atende aos interesses das classes mais privilegiadas e de *status quo* considerável, não iniciou o processo e *longo caminho de elevação das classes subalternas à consciência filosófica* (MOCHCOVITCH: 1992, p. 65).

Sempre assistimos a uma tendência que privilegia os interesses da classe dominante e que se encontra no poder manipulando as vontades individuais, se sustentando da demagogia e da alienação das consciências.

Os conteúdos apresentados por essa tendência são conteúdos que não têm nenhuma referência, nenhuma associação com o mundo de vida do aluno, com a realidade social, histórica e temporal do educando.

Esse tipo de tendência é configurado por um puro verbalismo superficial, onde o aluno é considerado como ser passivo e o professor se coloca como o dono da verdade, dono do saber.

A educação e a escola não podem servir à escravização do ser humano, encobrir sua situação de pobreza, miséria e desprezo absoluto. Pelo contrário devem estar a serviço da efetivação da liberdade humana, que tem sua configuração na dinâmica da sociabilidade ética.

A educação verdadeira é aquela que possibilita ao ser humano saber qual sua responsabilidade no universo da sociedade, ser conhecedor de

seus direitos e deveres, assumir corajosa e autenticamente o exercício consciente e necessário da cidadania ecológica e social, colaborando na transformação do mundo e das estruturas injustas.

*Para assumir sua missão de homem, há de aprender a dizer a sua palavra, pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o (FREIRE: 1998: p. 07).*

A perspectiva de educação para FREIRE tem consistência e se impõe como portadora de singular conteúdo por exatamente mostrar que os oprimidos também podem e devem se auto-expressar, serem eles mesmos; vivenciarem seu auto-processo de libertação, superando as barreiras da exclusão e da marginalização cultural, social e política a que estão submetidos.

A educação pensada por FREIRE descreve a necessidade e a verdade de que somente através da educação os homens serão livres e terão sua dignidade preservada. A tendência de educação pensada por PAULO FREIRE tem como principais características a dialogicidade e a consciência crítica face à realidade sócio-histórica, econômica, política e cultural.

Entendemos que cotidianamente o homem precisa ser educado num processo de experiências comunitárias para que sua individualidade não seja a negação da dimensão social do homem, mas sim artífice da vida política. Esta conciliação entre o indivíduo e o comunitário foi sempre o horizonte perseguido daqueles que levam a sério a pessoa humana no seu processo de realização.

Hoje, mais do nunca, a humanidade passa por dificuldades jamais vistas ao mesmo tempo em que convive com as maravilhas do gênero humano. Assistimos a uma destruição profunda dos valores e dos princípios éticos, a uma destruição da razão ética; uma sociedade que chega ao máximo em sua

razão instrumental ou técnica, que atravessou o fim-início de milênio. A crise da nossa civilização como bem expressou VAZ: *é a crise de uma civilização sem ética*.<sup>1</sup> A humanidade não foi capaz de se educar numa conquista de uma ética ou formação que respondesse a este desafio. Como o homem não foi educado em sua natureza – ele simplesmente perdeu o horizonte de sua humanização. O homem de hoje se acha envolvido em uma onda de problemas que ele mesmo está, sendo o próprio causador, não sabe como responder. Não se sente e não é capaz de superá-los.

### **2.1.1. Educação e exigência ética de uma mudança de paradigma nas sociedades contemporâneas**

Somos sabedores que a educação tem sua importância enquanto instrumento possibilitador de mudanças e revoluções sociais, de menores e/ou maiores repercussões no seio da comunidade humana.

No item, o enfoque é a questão da relação educação – trabalho: a educação para o mundo do trabalho; chamamos atenção também para a questão de igual importância que é a cidadania: a relação educação – cidadania. A formação e preparação de pessoas para o exercício pleno e livre, consciente e responsável da cidadania. A partir desse aspecto perceber o quanto a Educação à Distância (EAD) é fundamental enquanto possibilidade do educando ter acesso ao mundo das letras, tornar possível sua qualificação e preparação para o mundo do trabalho e da prática social. Como nos afirma Peters (1997 In: BELLONI: 2001, p. 27):

*Educação a distância é um método de transmitir conhecimentos, competências e atitudes que é*

---

<sup>1</sup> Veja a esse respeito o magistral editorial de VAZ, Henrique Cláudio de Lima, *Ética e Civilização* In: Síntese Nova Fase 49 (1990): pp. 5 –14.

*racionalizado pela aplicação de princípios organizacionais e de divisão do trabalho, bem como pelo uso intensivo de meios técnicos, especialmente com o objetivo de reproduzir material de ensino de alta qualidade, o que torna possível instruir um maior número de estudantes, ao mesmo tempo, onde quer que eles vivam. É uma forma industrializada de ensino e aprendizagem.*

Queremos acentuar o sentido e o fim a que se destina a educação com vistas ao desenvolvimento do ser humano, possibilitando que este se reconheça como pessoa constituída de direitos, portador de uma dignidade inalienável. Em todas as instâncias nas quais educadores reúnem-se para discutir sobre educação, parece haver consenso de que a educação deveria visar fundamentalmente à preparação para o exercício da cidadania, cabendo à escola formar o aluno em conhecimentos, habilidades, valores, atitudes, formas de pensar e atuar na sociedade através de uma aprendizagem que seja significativa. Ora, a EAD dá também sua contribuição para formação desse indivíduo que se torne preparado para atuar como protagonista de sua história e profissional qualificado para o mundo da indústria, das empresas e outros serviços.

*Educação a distância é uma espécie de educação baseada em procedimentos que permitem o estabelecimento de processos de ensino e aprendizagem mesmo onde não existe contato face a face entre professores e aprendentes – ela permite um alto grau de aprendizagem individualizada (CROPLEY e KAHL, 1983 In: BELLONI, 2001, p. 26).*

Como se percebe, a EAD é uma modalidade diferente de ensino, o que não exime a responsabilidade de qualidade do educando para a prática social e o mundo do trabalho, como o próprio texto da LDB assegura categoricamente (cf. Art. 1). Mesmo o aprendiz<sup>2</sup> que não vive o desenvolvimento igual aos alunos que estão na modalidade convencional do ensino é alguém que tem sua existência dada e esta não pode ser silenciosa. É aqui onde colocamos o horizonte de pensamento da educação como condição para os indivíduos se emanciparem. Como nos diz FREIRE (1987)

*A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta, problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (p. 78).*

A educação deve ser uma educação para a mudança<sup>3</sup>, para a transformação social, para reviravolta nas esferas da vida, de modo particular e com força, naquelas estruturas injustas e opressoras que são a causa da cultura de morte e de injustiça institucionalizada em nosso País, por exemplo. É obrigação moral e ética de qualquer agência de letramento possibilitar aos educandos (aprendentes) uma educação que os leve a tornarem-se sujeitos

---

<sup>2</sup> Aqui, a expressão aprendiz é atribuída ao educando ou ao indivíduo na condição de alguém que desenvolve seus estudos na modalidade da EAD

<sup>3</sup> *A mudança é inevitável. Por mais que alguns tentem reter ou fazer retroceder a História, esta avança inexoravelmente. Poderá haver momentos de mudança mais lenta ou mais rápida, poderão existir grupos mais abertos e outros mais fechados e resistentes à mudança, mas esta sempre ocorre. Geralmente a mudança não é radical, não constitui uma ruptura brusca, mas é progressiva e conserva na nova situação resíduos das anteriores. Assim, em plena era capitalista, ainda existem relações feudais em algumas áreas; a escola, apesar de ter mudado, ainda conserva elementos medievais: a organização em salas, o professor que apenas ensina e os alunos que só aprendem, etc (PILETTI: 1987, p. 1987).*



ativos, cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, defensores da justiça social, de uma sociedade eqüitativa diferente da construída nos moldes do capitalismo industrial e financeiro globalizado.

A educação deve contemplar a dimensão da mudança social, ou melhor, ela se encontra nesse eixo vertebrador. Não há processo de educação verdadeira se este não tem por conseqüência a humanização do ser humano, a conquista da liberdade, a vivência numa sociedade economicamente justa, politicamente democrática, socialmente solidária e culturalmente plural. A educação para a cidadania verdadeira é aquela capaz de possibilitar o êxodo do homem de sua *consciência servil*. Este chega ao estado de reconhecimento de qual é a sua situação existencial, concreta e histórica. O conhecimento de si mesmo como ser oprimido e, se achando nessa realidade opressora por uma obrigação natural e consciente inicia-se o processo de superação de tal situação de não-liberdade.

A educação para a liberdade é por natureza aquela educação que visa e vislumbra a radical, necessária e irrenunciável humanização da pessoa. O homem que sai da condição de coisa, objeto e alcança a liberdade desejada. Ora, é claro que, aqui, não cabe a perspectiva defendida pelos defensores da *educação bancária*<sup>4</sup>. Mas, sim, a educação libertadora aquela que visa

*[...] a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE: 1987, p. 67).*

---

<sup>4</sup> Expressão de Paulo Freire para dizer aquela educação que aprisiona as pessoas, não as conduz verdadeiramente a uma situação de liberdade. Na educação bancária o aluno não participa, é inerte. Os conhecimentos são depositados não são problematizados e construídos. O professor o detentor de todo e qualquer conhecimento.

No horizonte de pensamento de uma educação para a cidadania e para a mudança social, entendemos que a escola é um direito. Ela é um direito de todos. Homens e mulheres devem ter acesso a um local onde aprofundem sua capacidade de criadores de conhecimentos, também pelo acesso àqueles conhecimentos já obtidos pelo desenvolvimento das ciências. As agências de letramento<sup>5</sup> devem se organizar para superar os limites que a divisão de trabalho existente na produção, coloca aos trabalhadores, retomando a eles o conhecimento produzido nas situações coletivas de trabalho. Ora, é evidente que aqui temos claro que se faz preciso que as escolas rompam com os limites que restringem a atividade escolar à mera repetição do conteúdo arrolado pelos livros didáticos. As escolas devem integrar os conteúdos das diferentes disciplinas na explicação da realidade presente interna e externamente à escola. Noutras palavras, a escola deve falar e ajudar o educando a interpretar o cotidiano sócio-histórico. Nas palavras do educador PAULO FREIRE: a escola deve ensinar não só a gramática da palavra, mas também a gramática do mundo. Aqui reside a importância da educação na vida das pessoas e das sociedades humanas: servir ao homem e à melhoria de seu mundo. Essa aqui também deve ser a chave de análise da escola, possibilitar até que ponto ela está contribuindo, de fato, para que o saber possa, efetivamente, ser de todos e não apenas de alguns, não, por acaso, os que detêm o poder econômico e político.

Até o exposto somos de acordo que é inevitável que ao se falar de educação se coloque a inevitável pergunta do que ela deve significar para todos nós, em que sentido ela deve ser pensada e trabalhada em nossas escolas.

Somos, hoje, uma nação de uma enorme maioria sem destino e sem perspectiva de futuro num país que já atingiu níveis respeitáveis de progresso tecnológico, o que o situa a distância considerável de muitos países da África e da Ásia. Ora, num contexto de claro agravamento dos contrastes sociais é impossível silenciarse. O calar-se representa em outras palavras

---

<sup>5</sup> Quando se fala agência de letramento, faz-se menção não só a escola convencional mas todo espaço de construção do saber sistematizado e/ou de qualificação profissional como é o caso da EaD.

omissão, indiferença ética, desconhecimento do sentido último da ética e da política, enquanto ciência do serviço à vida (= ciência do bem comum), como tão bem foi prefigurada pelos gregos.

O grande desafio colocado à educação, especificamente no Brasil, é a de pensarmos um outro paradigma que tenha como a pessoa humana e não o capital, o lucro como centro. Em nossos dias, há uma necessidade premente e incessante de mudança de mentalidade. Vivemos uma época de grandes revoluções, uma época de crise de paradigmas. A nossa civilização parece ter perdido o rumo da história, o horizonte da realização do ser humano enquanto tal. Somos vítimas e culpados de uma mentalidade gestada por nós mesmos, no advento da Modernidade. *Vivemos uma crise de civilização* (OLIVEIRA: 1997, p. 163).

Somos de acordo que somente a educação verdadeira para a cidadania é capaz de responder aos diferentes desafios sociais, políticos, ecológicos e culturais de nossa contemporaneidade.

Falta-nos muito fortemente a prática efetiva de novos conceitos e valores, como o respeito a alteridade, a liberdade e autonomia de pensamento, por mais aguda que seja a consciência sobre tal realidade; embora hoje seja presente e sentido em toda a parte o sentimento da cooperação e da solidariedade universal, as pessoas ainda se dilaceram e andam por caminhos que não são os mesmos. É muito forte e constitui um dos grandes problemas atuais o sectarismo, a indiferença, a intolerância e o desrespeito à dignidade vital das pessoas no mundo todo e em todos os momentos. Cada vez mais a educação para a cidadania se impõe como um imperativo. O contexto sócio-histórico em que está mergulhado o mundo, atualmente, aponta para uma re-significação do papel da educação, da escola, do educador, do aprendente na perspectiva de preparar o indivíduo para a convivência com as novas situações do tempo presente, numa sociedade em plena transformação.

A educação emancipatória é aquela que nos ensina a pensar e discutir idéias, mesmo estando na modalidade da EAD. Ora, precisamos de uma educação que promova o crescimento dos seres humanos. Como nos

afirmam os Referenciais Curriculares Básicos (RCB's), da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (1998),

*A educação é vista assim como a principal via de transformação social ao propiciar a formação do homem para o exercício da cidadania no âmbito de uma sociedade que se apresenta em constante processo de evolução e que, por isso, exige, competências e capacidades que levem o cidadão não só a adaptar-se a essas mudanças, mas a participar efetivamente delas (p. 51).*

A educação para a cidadania possibilita ao homem sua emancipação, sobretudo em sintonia com o mundo todo. Uma educação que nos leve a uma tomada de consciência da real necessidade de nos preocuparmos com todo o universo, com todo o mundo, com toda a natureza. Uma educação que prepare o educando para o diálogo com o mundo dos inúmeros avanços tecnológicos e científicos, a fim de que possa favorecer o desenvolvimento de suas capacidades de refletir, investigar e interpretar informações. Uma educação que possibilite ao educando condições para ajudá-lo a perceber a tecnologia como produto científico.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394 / 96) aborda além da formação para o exercício da cidadania, deve-se ter uma educação para o mundo do trabalho. Apreciar o valor do trabalho como criação humana, manifestação do poder de criação homem. Pelo trabalho o homem ser capaz também de se compreender e se conhecer mais.

É verdade que se constata, na realidade cotidiana, uma ausência de emprego para uma multidão de trabalhadores, tanto para aqueles que já estavam no mercado de trabalho, assim como para aqueles que aspiram sua entrada. Em todo o mundo, pessoas sofrem sob o peso da praga do

desemprego em massa. Somos sabedores da lógica que está por traz, sua estrutura e sua capacidade de persuasão.

Entendemos que se faz necessário uma educação voltada para o mundo do trabalho, a fim de o jovem estar mais preparado com mais segurança. A questão que se deve é: como então podemos pensar na problemática do trabalho, quando hoje o trabalho tornou-se não realização da pessoa humana, porém satisfação do desejo de consumo? Qual é o valor que ele representa na vida das pessoas? Se hoje já se interpreta a nossa sociedade como sendo a sociedade do lazer, em que sentido podemos pensar o trabalho enquanto realização suprema do ser humano? Como ficam os cordões enormes de desempregados no Brasil e no Mundo?

Certamente a condição mais básica para que as mudanças efetivamente ocorram é a melhoria da qualidade da educação e o redirecionamento das propostas pedagógicas. O capitalismo e a industrialização trouxeram um enorme aumento da riqueza e empurraram as fronteiras da humanidade em direção a limites que antes seriam inimagináveis, mas seu balanço global está longe de ser inequivocamente positivo.

Os novos desafios dos tempos hodiernos obriga-nos a pensar uma educação a fim de refazer os muitos sentidos do nosso mundo. Uma educação que deve *reforçar os laços sociais, promover a coesão social e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social* (SAVIANI In: LUCKESI: 1994, p. 38).

Obriga-nos a pensar na significação da globalidade de nossa existência onde aqui estão as questões da cidadania, do trabalho, da dignidade humana, da alteridade, da ecologia, das religiões, da ética, enfim. Há, sem dúvida alguma, uma necessidade de transformação nas concepções de conhecimento que permeiam as ações didáticas em nossas escolas e nos diversos setores da vida humana, no que diz respeito ao tecido social.

## 2.2. A história da educação à distância

A educação à distância tem uma longa história de experimentações, sucessos e fracassos. Desde a Antigüidade constatam-se iniciativas de intercambiar informações, de veicular orientações, instruções entre pessoas física e geograficamente distantes.

No entanto, é na Modernidade que se manifestarão as primeiras iniciativas de ensinar saberes sem a relação presencial entre professor e o aluno. Por volta de 1728, a Gazeta de Boston (EUA) publicou um anúncio de autoria do professor CAULEB PHILIPS em que dizia: *Toda a pessoa da região, desejosa de aprender esta arte, pode receber em casa várias lições semanalmente e ser perfeitamente instruída como as pessoas que vivem em Boston* (SARAIVA: 1996, p. 18). O curso era de taquigrafia.

Foi no século XIX, na Europa, que o ensino por correspondência vai caracterizar-se como a primeira geração de procedimentos de ensino a distância. Segundo ALVES (1994) em 1883, na Suécia, registrou-se a primeira experiência de um curso de contabilidade por correspondência. Muitas outras experiências foram desenvolvidas na Europa adotando o ensino por correspondência.

Do início do século XX, até a II Guerra Mundial, várias experiências também foram adotadas desenvolvendo-se melhor as metodologias aplicadas ao ensino por correspondência que, depois foram muito importantes, principalmente no meio rural (NUNES: s/d, p. 7).

No Brasil, desde a fundação do Instituto Rádio Monitor, em 1939, e depois, do Instituto Universal Brasileiro, em 1941, várias experiências foram iniciadas e levadas a termo com relativo sucesso. Entretanto, em nossa cultura a atenção um traço constante nessa área: descontinuidade dos projetos, principalmente os governamentais.

### 2.3. Conceito de educação à distância?

*Definir educação a distância é um processo em mutação constante, e sobre ela paira uma diversidade de visões (SÁ: 1998, p. 24).*

As primeiras abordagens conceituais de EaD baseavam-se no que a EaD não era, ou seja, as definições tendiam a definir a EaD a partir do ensino convencional de sala de aula. A princípio baseava-se em um conceito extremamente simples: alunos e professores estariam separados por uma certa distância e, às vezes, pelo tempo. A modalidade transformadora aquela velha idéia de que, para existir ensino, seria sempre necessário contar com a figura do professor em sala e de um grupo de estudantes (NISKIER, 1999).

Da simplicidade inicial de definição da EaD, surgiram diferentes visões em torno do assunto, demonstrando naturalmente o dinamismo e a flexibilidade da conceituação do termo. A busca da sua natureza ocasiona definições de perspectivas distintas que nos levam a compreender o assunto de vários ângulos diferentes. Há uma evolução na concepção do conceito do que seja a EaD.

Ora, é importante saber que outrora a EaD era tradicionalmente como curso instrucional que utilizava texto, áudio e vídeo, destinado a aprendizes isolados com interação bastante limitada com o instrutor ou com outros alunos. O ingresso das novas tecnologias da informação e da comunicação na área educacional produziu uma redefinição do conceito de educação a distância (PALOFF, 2002).

As tecnologias da informação permitem uma experiência de aprendizagem rica em interações que podem até superar a interatividade em salas de aula tradicionais (California Distance Learning Project, 1997). A difusão destas tecnologias conferiu novo significado à EaD, baseando-se nas amplas possibilidades de acesso às informações, nas interações dos conceitos dos diferentes sujeitos educacionais e na construção coletiva do conhecimento

mediada pela tecnologia de rede. Estamos numa fase de transição entre os modelos predominantemente individuais para os grupais, ou seja, do estudo individualizado para a construção de comunidades do conhecimento.

Uma das mais atuais definições de EaD e que merece ser destacada é a de MORAN (2000), onde o mesmo conceitua educação a distância de forma clara e abrangente. Para ele,

*Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediada por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Apesar de não estarem juntos, de maneira presencial, eles podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet. Mas também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax, e tecnologias semelhantes (2000, p. 6).*

Como se percebe o conceito de EaD pode ser entendido de maneira mais ampla e mais moderna, inclusive. O Decreto Nº 2. 494, de 10/02/1998, da Legislação Brasileira, apresenta essa possibilidade da educação a distância como:

*[...] uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados*



*isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (ALVES: 2003, p. 4).*

Ora, essa definição se diferencia de conceitos modernos baseados na construção coletiva do conhecimento, na interatividade e na autonomia do estudante, pois enfatiza o autodidatismo. A EaD busca mediar pela tecnologia de rede ou por outros meios tecnológicos disponíveis o ensino.

Em síntese a EaD pode ser definida e compreendida como uma modalidade de ensino-aprendizagem que dinamiza o acesso às oportunidades educacionais a todos. Sem dúvida alguma, sua meta é minimizar distâncias, sejam elas temporais, físicas e operacionais. Objetiva desenvolver a educação, construir o saber sistematizado e elaborado socialmente, tornando-a imperceptível e aproximando as pessoas, ao mesmo tempo, que está contribuindo para possibilitar uma modalidade de ensino que corresponda às heterogêneas demandas do mundo contemporâneo.

### 3. REDIMENSIONAMENTO DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (EAD)

Em 1947, um ano após a criação do sistema SENAC, a Instituição começou a trabalhar com essa modalidade de ensino, tornando-se uma das pioneiras em EAD no Brasil. Desde o ano da criação até os nossos dias, a EAD tem se transformado, sofrido inovações e mudanças a fim de atender as circunstâncias da hora presente.

Em tempos de globalização e permanente necessidade de evolução, a educação à distância (EAD), principalmente via internet, vem se transformando numa importante e concreta opção para as pessoas que desejam adquirir ou aperfeiçoar conhecimento. Hoje, tem-se além da preocupação de preservar a qualidade do ensino à distância, garantir que um número maior de pessoas ingresse. Pessoas que por falta de tempo ou oportunidade, deixaram de investir em seu crescimento pessoal e profissional.

A EAD, atualmente é vista como um dos caminhos para o desenvolvimento do país. Sobretudo, num país como o nosso que tem dimensões continentais; a EAD objetiva unir de norte a sul os indivíduos pela vontade de estudar e a necessidade da formação. Podemos dizer que a era da EAD foi oficializada com a emergência da lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases – LDB.

A educação à distância está trazendo novas perspectivas para a educação, especialmente para a educação profissional. Ela é um meio para a expansão da educação formal no Brasil em seus diferentes níveis. O horizonte de atendimento das universidades e escolas ainda é baixo, desse modo, a EAD torna-se imprescindível.

A internet traz novas perspectivas para a EAD. Quando se fala de redimensionamento da EAD é fundamental ter presente que já cresce em bom número o ensino virtual, o *e-learning* (Aprendizagem por intermédio da

internet). Ora, é a educação passando por transformações e suas estratégias se modificando para atender às novas demandas educativas da sociedade do conhecimento, ou da “informação”.

Mais uma vez temos, aqui, o acento para a EAD como educação fundamentada “em uma concepção da educação como um processo de auto-aprendizagem, centrado no sujeito aprendente, considerado como um indivíduo autônomo, capaz de gerir seu próprio processo de aprendizagem. A experiência e o saber desenvolvidos no campo da educação à distância podem trazer contribuições significativas para a expansão e melhoria dos sistemas de ensino superior no sentido da convergência” (BELLONI, 2001: p.6).

Sem dúvida alguma, ao se falar e EAD há de se pensar nos aspectos caracterizadores dessa modalidade de educação: “o professor coletivo e o estudante autônomo”.

A sociedade contemporânea é complexa e desafiadora, exige do indivíduo que este se capacite, torne-se alguém profissionalmente capaz, com qualidades como a criatividade, maior mobilidade, capaz de gerir situações de grupo, exige um indivíduo multicompetente/ multiquificado, sempre pronto a aprender. “Em suma, um trabalhador mais informado e mais autônomo” (BELLONI, 2001: p.39). Ora, a EAD por características que lhe são inerentes à modalidade de ensino que ela desenvolve pode contribuir positivamente para a formação inicial e continuada dos estudantes autônomos, já que a auto-aprendizagem é, de fato, um dos fatores básicos da EAD.<sup>6</sup>

Contribuindo para a re-significação da EAD não se pode aceitar que onde muitos entendem como aprendizagem passiva ou como algo marginal socialmente. No bojo das mudanças sócio-culturais esses conceitos tendem a desaparecer. Além disto, uma clientela tende a se tornar mais “reflexiva” e consciente da importância da educação. Ora, essa clientela é mais exigente em reclamar por qualidade de liberdade de escolha. O estudante da

---

<sup>6</sup> Por **aprendizagem autônoma** entende-se um processo de ensino e aprendizagem **centrado no aprendente**, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o **professor deve assumir-se como recurso do aprendente**, considerando como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e auto-regular este processo. Este modelo de aprendizagem é apropriado a adultos com maturidade e motivação necessárias à auto-aprendizagem e possuindo um mínimo de habilidades de estudo (TRINDADE, 1992: p. 32; CARMO, 1997: p. 300; KNOWLES, 1990 IN: BELLONI, 2001: p. 39).

EAD não é um “indivíduo abstrato”, imaginando uns locais distantes, há de se pensar as condições ou estudo para este sujeito, suas necessidades, suas expectativas, superar modelos passados e contribuir para a configuração de uma realidade de EAD capaz de encorajar “aprendizagem autônoma” que propicie e promova a construção do conhecimento, isto quer dizer, que considere “o conhecimento com processo e não como mercadoria” (PAUL In: BELLONI, 2001: p. 41).

### **3.1. A educação à distância na educação profissional**

A educação passou por reformas viscerais nos anos 90. A reforma educacional brasileira trouxe uma série de novas exigências no que se refere à implementação de proposta e programas de educação mais adequados à transformação cultural necessária ao novo estágio de desenvolvimento econômico que estamos vivendo.

A educação profissional ganha uma nova institucionalidade e um novo lugar de destaque no conjunto das reforma implementadas<sup>7</sup>. A educação profissional é integrada às diferentes formas de educação com vistas a levar o aluno ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. Ora , a EAD assume juntamente com a educação profissional uma parceria disponibilizando condições para a qualificação dos indivíduos e/ou complementação de seus estudos a fim de melhor se adequar às demandas da sociedade de hoje. A EAD é uma opção concreta para o aluno aperfeiçoar-se ou mesmo adquirir conhecimentos. Desse modo, encontrar-se melhor capacitado para o mercado de trabalho.

---

<sup>7</sup> Ver capítulo III da educação profissional (artigos 39-42 da LDB).

#### **4. NOVOS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**

A sala de aula é o espaço privilegiado quando pensamos em escola, em aprendizagem. Esta nos remete a um professor na nossa frente, a muitos alunos sentados em cadeiras olhando para o professor, uma mesa, um quadro negro e, às vezes, um vídeo ou computador.

Hoje, ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias. As tecnologias começam a estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados.

Com a internet e as redes de comunicação em tempo real, surgem novos espaços importantes para o processo de aprendizagem, que modificam e ampliam o que fazíamos na sala de aula.

Abrem-se novos campos na educação on-line, através da Internet, principalmente na educação à distância. Mas também na educação presencial a chegada da internet está trazendo novos desafios para a sala de aula, tanto tecnológicos, como pedagógicos. A verdade é que o professor de hoje precisa aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora. “O novo papel do professor – tutor precisa ser repensado para que não se reproduzam nos atuais ambientes de educação à distância concepções tradicionais das figuras do professor/aluno. É preciso superar a postura ainda existente do professor transmissor de conhecimentos. Seu lugar de saber seria o do saber humano e não o do saber informações.” (ALVES & NOVA, 2003:p. 19)

Antes o professor se restringia ao espaço da sala de aula. Agora precisa aprender a gerenciar também atividades à distância, visitas técnicas, orientação de projetos e tudo isso fazendo parte da carga horária da sua disciplina. Educar com qualidade implica ter acesso e competência para organizar e gerenciar as atividades didáticas.

Faz-se mister considerar que no contexto das novas demandas que a sociedade impõe à educação, a EAD tem procurado propiciar informações básicas e domínio de competências a fim de que o aluno possa se preparar adequadamente, tornar-se um pesquisador, utilizar todas as mídias, todas as fontes, todas as formas de interação. Aqui, coloca-se a autonomia do aprendiz: “ter autonomia significa ser autor da própria vida, da sua linguagem e argumentação e do próprio agir. Tanto o esforço como a valorização contribuem para aumentar a auto estima e o incentivo dos adultos no procedimento de seus estudos” (IAHN, 2002: p. 154-155).

É fundamental hoje, pensar o currículo de cada curso como um todo e planejar o tempo de presença física em sala de aula, avaliar a comunicação e experiências, realizar debates off e on-line sobre temas pesquisados, assim como pensar o tempo de aprendizagem virtual. A flexibilização de gestão de tempo, espaços e atividades é necessária, sobretudo, para que não se fique preso à monotonia da sala de aula.

## CONCLUSÃO

O campo da educação vive mudanças tecnológicas e sócio-culturais que têm contornos e necessidades próprias. Há um quadro de incertezas e muitas vezes de desestruturação. Atualmente, busca-se um processo educativo efetivamente centrado no estudante. Nessa perspectiva, tanto a educação presencial com a educação à distância tendem a considerar o aluno como um ser autônomo e não como um ente a ser protegido. Torna-se grande a importância de organização de estruturas que viabilizem o ensino, contribuindo efetivamente para a construção do conhecimento, garantindo a qualidade do ensino, mas que não esteja presa à sala de aula.

Há de se considerar a questão da *flexibilização do acesso*, numa perspectiva de democratização das oportunidades onde se possa tornar menos estrito o acesso ao ensino. Capacitar o educando para a prática social e para o mundo do trabalho, a de se pensar na flexibilização do ensino como meio para promover o desenvolvimento das habilidades de auto-aprendizagem.

Ora, o papel do docente nessa nova prática educativa é repensado e re-programado com vistas a garantir o aprendizado do seu aluno à distância. Torna-se muito mais complexo porque ao invés de *dar aulas* face-a-face, o professor passa a lecionar através da utilização de outras linguagens apoiadas por meios informacionais e comunicação.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, João Roberto Moreira. *A Educação à distância no Brasil: síntese histórica e perspectivas*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 1994.

ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane. *Educação a distância: uma nova concepção de aprendizagem e interatividade*. São Paulo: Futura, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação à distância*. 2ª ed. Campinas: Autores associados, 2001. (Coleção Educação Contemporânea).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. 16ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos, 38).

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei Federal nº 9394*, em 20 de dezembro de 1996.

CEARÁ, *Referenciais Curriculares Básicos - Primeiro, segundo e terceiros ciclos*. SEDUC/ Fortaleza, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Fraternidade e educação: A serviço da vida e da esperança: Texto base da Campanha da Fraternidade*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 25ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).



- GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. 4ª ed., São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção questões da nossa época, v. 24).
- GONÇALVES, Maria Helena Barreto. *Programa de desenvolvimento de docentes: competências básicas*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2000.
- IAHN, Luciene Ferreira (org.) *A educação a distância na Universidade Federal do Paraná: novos cenários e novos caminhos*. Curitiba: Apta, 2003.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do Professor).
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. *Gramsci e a escola*. 3ª ed., São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios).
- MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. Trad. de J. Renard. São Paulo: Paulinas, 1980. (Col. Filosofia).
- MORAN, José Manuel. "O que é educação a distância?" In Boletim de Educação a Distância. Brasil, Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância: 2000, p. 6-10.
- NISKIER, Arnaldo. *Educação a distância: a tecnologia da esperança*. São Paulo: 1999.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Tópicos sobre dialética*. São Paulo: Ática, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Ética e práxis histórica*. São Paulo: Ática. 1995. (Coleção Série Religião e Cidadania).

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaco*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PILETTI, Nelson. *Sociologia da educação*. 5<sup>a</sup> ed., São Paulo: Ática. 1987.

PILETTI, Claudino & PILETTI, Nelson. *Filosofia e história da educação*. 14<sup>a</sup> ed., São Paulo: Ática, 1999. (Série Educação).

SÁ, Iranita M. A. *Educação à distância: processo contínuo de inclusão social*. Fortaleza: C.E.C., 1998.

SARAIVA, Terezinha. *A Educação á Distância no Brasil*. Brasília: em aberto, Ano 16, Nº 70, p. 17-27.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 12<sup>a</sup> ed., Campinas: Cortez, 1996. (Coleção Educação Contemporânea).

SENAC, DN. *Formação e trabalho*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1997.

VAZ, H. C. de Lima. *Ética e civilização*. Revista SÍNTESE. Belo Horizonte, Nº 49, p. 5-14, jul. 1990.